

■ POLÍTICA

Economia - Brasil

Dresdner Bank Lateinamerika

EFICIÊNCIA ALEMÃ,
AGILIDADE BRASILEIRA

“Não vamos fazer nada no segredo da noite”

Otimista com o resultado do leilão da CPFL, presidente frustra expectativas sobre o anúncio de novas medidas contra a crise

Luis Eduardo Leal
de Brasília

O presidente Fernando Henrique Cardoso quebrou ontem a expectativa suscitada pela convocação repentina de entrevista coletiva — seis dias depois da elevação brusca das taxas de juros. Apenas reafirmou sua confiança nos indicadores econômicos do Brasil, a convicção de que o País não está entrando em um período recessivo e a importância de o Congresso aprovar as reformas estruturais, com o máximo de urgência, para melhorar a situação fiscal e fortalecer a posição do Estado na eventualidade de novos momentos de instabilidade global.

A presença dos ministros da Fazenda, Pedro Malan, e do Planejamento, Antônio Kandir, parecia indicar a possibilidade de o governo anunciar medidas de curto prazo que pudessem ser contrapostas aos efeitos negativos da elevação dos juros. Afinal, nos últimos dias em Brasília, o discurso oficial tem sido o de aperto orçamentário e o de incentivar, eventualmente, alguns setores mais prejudicados pela elevação dos juros. Extraoficialmente, a expectativa é de que medidas adicionais estariam sendo analisadas, incluindo

o aumento de impostos para contrabalançar, pelo lado das receitas, o impacto dos novos juros nas contas públicas. Nenhuma novidade foi anunciada por Fernando Henrique. Malan e Kandir permaneceram calados.

“Nós não vamos fazer nada no segredo da noite”, disse o presidente em determinado momento da entrevista,

querendo sinalizar que os agentes econômicos não devem esperar surpresas. Ironicamente, Malan, Kandir, o presidente do Banco Central, Gustavo Franco, e dois diretores do BC, Francisco Lopes (Política Monetária) e Demóstenes Pinho (Área Internacional), permaneceram na última terça-feira, véspera da entrevista, até depois das 22h no Palácio do Planalto, quando Fernando Henrique já descansava no Alvorada. Integrantes da Câmara de Política Econômica, entre os quais Malan, Kandir, Pedro Parente e Clóvis Carvalho, voltaram a se reunir no início da noite de ontem no Planalto, sem o presidente, que não integra a câmara interministerial.

Mesmo com a intensa movimentação da equipe econômica, o ministro Malan, ao participar ontem de um seminário sobre cooperativismo, disse: “quando as medidas de ajuste fiscal estiverem prontas, serão anunciadas”. A seguir, trechos da entrevista do presidente Fernando Henrique Cardoso:

Juros

“Não se deve tapar o sol com a peneira. Uma taxa de juros, elevada como foi, é uma taxa que, mantida, tem consequências negativas. Por isso, nós não vamos mantê-la. Estamos criando condições para não mantê-la. Não se



Fernando Henrique Cardoso

precisa fazer muito cálculo para perceber que não é possível manter essa taxa nesse nível, porque ela, realmente, criará um embaraço fiscal muito grande, além de problemas na ordem econômica. Então, o pensamento nosso é ação, muita ação, transparência, para que possamos baixar essas taxas de juros. Com relação aos efeitos da alta da taxa de juros sobre as contas públicas, tudo é prematuro”.

Medidas adicionais

“São medidas que já estão em marcha. Estamos acelerando medidas que já estavam no forno. Como houve essa questão (crise), é melhor acelerar mais para nós ficarmos mais resguardados. É isso que nós vamos fazer. Não vamos fazer nada no segredo da noite”.

Política cambial

“Nós não vamos mudar nossa política cambial. Nenhuma possibilidade. Veja os países que fizeram

isso. Não quero citar nominalmente, lá na Ásia. No final, aumentaram as taxas de juros”.

Turbulências

“Na escala Richter de terremoto — acho que vai de um a nove — uma coisa assim é dois, três. Não é terremoto, tremor. A muralha de defesa funcionou. E estamos reforçando. Eu não creio que hoje exista qualquer país do mundo imune”.

Reservas

“Devo dizer com alegria que o Banco Central está recomprando as reservas desde a sexta-feira à tarde — e continua. Quando se diz assim “houve uma perda de US\$ 5 bilhões”, isso é relativo. Uma boa parte ficou aqui mesmo. Uma parte volta a vender os dólares para o Banco Central por um preço mais baixo do que o Banco Central cobrou deles”.

Especuladores

“Como (o real) não foi desvalorizado, ficaram com a batata quente na mão. E quando o Banco Central diz que não vai remunerar os depósitos, a batata quente fica fervendo ainda mais na mão”.

Medidas impopulares

“Já tomei em 95, tomarei tantas vezes quanto forem necessárias, em qualquer momento. Isso abale ou não uma eventual candidatura. Esse assunto, para mim, não tem importância”.

Recessão

“Os que querem especular contra, dizem: “virá a recessão”. Como não sou recessionista, não sou contracionista, digo que não virá recessão nenhuma, porque estamos tomando medidas tanto para diminuir as taxas de juros quanto as medidas anti-recessivas”.

Cortes

“O governo está estudando essa ma-

téria. Na primeira proposta que me chegou às mãos, educação e saúde estavam fora, excluídas desse nosso empenho. O nosso orçamento é um orçamento já muito austero. Daí nossa dificuldade no exercício desses cortes. Agora, eles serão anunciados. No momento adequado, os ministros informarão à opinião pública e darão a razão também. Não podemos fragilizar nossos projetos de investimento além de certo limite. Temos que manter os investimentos. Educação e Saúde são áreas que não podem ser afetadas”.

Oposição

“A oposição tem todo o direito de tomar o caminho que bem entender. Perderam uma oportunidade histórica, pela segunda vez, de dizer ao Brasil que, em certos momentos, vale o interesse nacional. Quando era ministro da Fazenda e fui fazer o Real, chamei o Lula e o José Dirceu. Tive longa discussão com eles, mostrei as consequências, pedi apoio. Vocês viram o que aconteceu: disseram que o Real era pesado. Estão torcendo contra. Cada um escolhe sua atitude. Paciência”.

Base aliada

“No nosso sistema, não havendo fidelidade partidária, apesar de os partidos apoiarem o governo, existirão sempre setores ou pessoas que são contra. E o governo terá que discutir sempre com esses setores e essas pessoas para garantir. Formalmente o governo tem maioria. Formalmente”.

Reformas

“As reformas não são um “Abre-te Sésamo”, que, feitas as reformas, não há mais problemas. Temos que fazer muitas coisas simultaneamente para que não tenhamos problemas.”